

Um ser pré-histórico que tenta voltar à História

JOSE HELDER
DE SOUZA

Como um ser da era arquozóica ou antediluviana, o carcomido Jânio da Silva Quadros, coberto de asqueroso limo, o mesmo lodo a cobrir os invertebrados daquela era geológica, reaparece na vida nacional tentando entrar na corrida sucessória ou mesmo reingressar na história. História da qual se demitiu, em 1961, depois de sete desastrados meses na Presidência da República e cujo primeiro ato foi acabar, com a Instrução 200 da antiga Superintendência da Moeda e do Crédito, a poupança interna construída por Juscelino Kubitschek de Oliveira, seu antecessor e o último ato foi a renúncia estapafúrdia no lodo engano de que voltaria como ditador, amparado em tanques e canhões, para liquidar o Congresso que então lhe barrava o caminho e anulava suas loucuras. Sonhava, em seu delírio, em acabar também com as liberdades públicas e implantar política de agrado ou conveniência de seus patrões americanos.

Sempre como um bufão a plantar arlequinadas para chamar a atenção dos incertos, foi como Jânio entrou na política. Este saltimbanco da nossa vida pública, em suas píruetas na corda bamba, agarrava-se a uma vassoura, com a qual ameaçava varrer o Brasil, na mais espalhatosa das demagogias, na falta de melhor mensagem para apresentar-se diante da massa eleitoral e iludir, como iludi, os desavisados. Brandia a vassoura na falta de um discurso convincente e consistente com o qual pudesse se manter em cena. Apenas como funâmbulo de falsos moralismos de essência e fragilidade política pequeno-burguesas, só assim é que conseguiu figurar na cena política daquela época.

Alcançou é verdade, com suas arlequinadas, mais da metade dos votos para presidente. Mas aí é que está o busiles. Aquele sucesso eleitoral de 1960 — que ele não conseguiria mais como candidato ao governo de São Paulo,

nem como prefeito da cidade de São Paulo, eleito só com 30 por cento dos votos paulistanos —, aquela vitória teve outras causas distantes do jornalismo moralista deste adventista da verdadeira política.

Juscelino Kubitschek entregou o poder a Jânio Quadros em janeiro de 1961, com a certeza de que voltaria em 1965, em outra eleição democrática como a que conduzira com isenção, como verdadeiro magistrado e que lamentavelmente resultou na ascensão do funâmbulo Jânio da Silva Quadros. JK, então, cometeu um grande erro político. Cometeria outro ainda mais grave, em 1964, apoiando a eleição do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco que, em seguida, inaugurando a ditadura, cassaria, entre muitos outros, o mandato de Juscelino, senador por Goiás. JK não percebeu que o objetivo maior do golpe foi afastar lideranças populares como a sua, entre outras atitudes antinacionais.

Na ilusão de que voltaria tranquilamente à presidência da República no período seguinte, consagrado pelo voto popular, JK não cuidou de sua sucessão. O marechal Henrique Duffles Teixeira Lott, com suas feições de efígie de medalhão ou moeda, sua retidão moral e sua grande ingenuidade política, era um candidato fraco. Parece que a Juscelino não interessava um candidato ou sucessor de seu mesmo porte político. Nada fez para conseguir votos para o marechal, ficou distante do processo sucessório, deixando grande espaço para o arlequim Jânio Quadros. Os votos dados a esta infeliz figura de nossa política, não tiveram raízes ideológicas ou partidárias. Nem sequer conseguiu eleger o vice-presidente de sua chapa, o vice eleito foi o getulista do PTB, Jango Goulart. Com suas arlequinadas e sua vassoura nos palanques, a é que JQ conseguiu iludir a massa ocupando, com suas trampolinagens, exatamente aquele espaço aberto por Juscelino que largou, literalmente, o marechal às

baratas. Foi portanto de JK, em grande parte, a culpa da subida do truão do moralismo. E por isto pagou alto preço, sua própria cabeça.

O arlequim Jânio Quadros adentra novamente o picadeiro acenando com uma bandeira de salvação nacional, querendo montar sua cena funambulesca em cima das desgraças econômicas e sociais do Brasil de hoje, convocando para sua marcha de Brancaleone, figuras respeitáveis e vestidas da nacionalidade e de diferentes colorações políticas e sociais como Roberto Marinho, Barboza Sobrinho, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Sôbral Pinto, entre outros. Mais uma vez tenta iludir, escudar-se em algo que não tem: credibilidade e sisudez. Estamos realmente em crise profunda, necessitando de ações de salvação, mas não será por isto que venhamos a compartilhar das arlequinadas deste advena de nossa política.

Os tempos são outros, diferem em muito de 1960: outra é a política, outras as figuras nacionais, outra a Constituição e outras as armas de propaganda eleitoral, entre elas a poderosa televisão inexistente naquela época. O maior meio de propaganda eleitoral daqueles dias, era o comício em praça pública, um público restrito se considerarmos os atuais milhões de espectadores das redes de televisão. Além disto estão na corrida sucessória homens de maior substância como Ulysses Guimarães, Mário Covas, Marco Maciel e até mesmo o jovem Fernando Collor. Entre os três primeiros encontramos figuras experientes, afeitos às lutas políticas e, não como Lott, com bastante capacidade para enfrentar o farsesco Jânio da Silva Quadros, sem fôlego para um discurso consciente e coerente com os dias de hoje, de proposições novas e não apenas moralistas ou salvacionistas, capaz de empolgar inclusive a juventude que Jânio Quadros, por incompetência ou malícia, esqueceu de convocar para sua cruzada truanesca de salvação nacional...